

## **A CERÂMICA E A JOALHARIA: O DESIGN COMO AGENTE DE SOBREVIVÊNCIA DE DUAS CULTURAS MATERIAIS**

### **Breve Introdução à História da Joalheria e da Cerâmica**

A Cerâmica nasce da união de três elementos relacionados com a vida do homem – a argila, o fogo e a água – afirmando-se sempre como uma tecnologia criadora de obras ao serviço da comunidade e encarada como um dos primeiros materiais que se relacionaram com a vida e com a morte dos homens “(...) *para estes comerem na eternidade*” (QUEIRÓS, 1987:21).

O tema da Joalheria é frequentemente entendido a partir de significados religiosos. A joalheria representava o valor transcendental das forças da natureza e a esperança de uma vida depois da morte evidenciando o valor espiritual das jóias. Com a morte, estas eram depositadas junto das múmias representando o pagamento para alcançar a vida eterna.

Durante séculos, Cerâmica e Joalheria criaram gramáticas e tipologias que frequentemente se cruzaram, recebendo as mesmas influências artísticas e respirando as mesmas atmosferas. A Cerâmica e a Joalheria partilharam decorações e influenciaram povos, religiões, gerações e épocas. A aplicação da tecnologia Cerâmica tem a capacidade de se transformar num material adaptável a contextos diferentes. O encontro da Cerâmica com a Joalheria materializa-se no valor transcendental dos objectos. No passado, a cerâmica acompanhava ou substituíam os metais preciosos na Joalheria em função dum melhor resultado estético ou simplesmente na tentativa de democratizar o produto como um material que

#### **Ermanno Aparo**

Departamento de Comunicação, Artes e Tecnologia da Informação, Universidade Lusófona, Portugal.

Fundação de Ciência e Tecnologia.

#### **Fátima Pombo**

Departamento de Comunicação e Arte, Universidade de Aveiro, Portugal.

#### **Giovanni Lauda**

Domus Academy, Itália.

adornava os homens durante a vida diária e que com a morte compunha os riquíssimos enxovais funerários.

Na antiguidade greco-romana, a Cerâmica acompanhava os metais mais preciosos partilhando motivos decorativos e simbólicos. As decorações propostas eram muitas vezes procuradas em matrizes decorativas de vasilhame ou na arquitectura, encontrando uma simbologia que atravessava transversalmente todas as variantes artísticas. Aquele que muitas vezes nascera como uma forma de substituição de objectos ou materiais mais preciosos, começou a ganhar uma própria identidade. Alguns objectos começaram mesmo a perder a sua função prática como as pequenas ânforas que continham essências ou perfumes e que acabavam por adquirir um papel meramente decorativo e embelezador.

No Egipto, as ornamentações faziam directas referências à sua cultura sendo trabalhadas e adaptadas à temática do mundo religioso e tradicional. Por vezes *“as temáticas culturais recebidas pela produção artesanal dos amuletos estão sujeitas a uma série de adaptações e de modificações caracterizadas pela constante exigência de vulgarização.”* (Acquaro E. citado in AA.VV., 1989:399). Estes objectos pareciam transformar a própria utilização em função duma democratização do próprio uso, transportando o uso mágico e religioso para uma valoração simbólica e decorativa. Neste campo de acção tornou-se fundamental a escolha da *“faïence (...) uma pasta sílicea maiolicada”* (UBERTI, L. citado in AA.VV., 1989:474) descoberta e aplicada pela primeira vez na Mesopotâmia e amplamente usada posteriormente pela cultura Egípcia. Esta técnica era considerada como uma das mais difíceis de trabalhar, necessitando de ser elaborada por artesãos especialistas. Como era uma tecnologia mais complexa que a dos metais, os seus produtos tornavam-se muitas vezes em *“jóias”*, adquirindo uma valiosa alternativa aos minerais mais preciosos tão difíceis de encontrar. Muitas vezes a Cerâmica recorria à falta de matéria-prima de materiais preciosos, imitando-os, como aconteceu durante o século XIX quando se produziram cópias das jóias de ouro. A capacidade de fidelidade com os objectos em ouro que a Cerâmica oferecia aos produtos de ornamentação, proporcionava a aquisição de objectos em Cerâmica por pessoas que não podiam comprar os originais em metal mais nobre e que, assim, podiam aparecer nos lugares mostrando e ostentando as suas jóias.

Pode dizer-se que ao longo dos séculos, a Cerâmica conseguiu acompanhar a evolução da humanidade, ditando hábitos e guardando tradições. A capacidade de se misturar com outros materiais e as suas características intrínsecas facilitaram a sua difusão em muitos países e em sectores vastos, como acontece com as próteses para deficientes na ortopedia, ou com as partes mecânicas dos motores de nova concepção, no sector automobilístico.

## **Pontos de Contacto entre Joalheria e a Cerâmica em Portugal**

As influências Gregas e Árabes seriam as bases de construção seja dum estilo cerâmico como duma Joalheria portuguesa que nos séculos seguintes, por meio das viagens e dos contactos comerciais, desdobrariam uma autonomia e identidade próprias.

A Cerâmica e a Joalheria influenciaram-se mutuamente desde sempre, como é o caso das matrizes naturais (folhas, espigas, flores e outros elementos vegetais) ou dos elementos de matriz geométrica (tais como linhas, espirais e circunferências) que se encontram do período Greco-Romano até ao século XIX.

As influências culturalmente importantes como a árabe e a oriental, devido ao período das Cruzadas na Península Ibérica e à força da Nação Portuguesa durante os Descobrimentos, colaborariam de maneira marcante e decisiva no desenvolvimento de experiências análogas que influenciariam a definição das próprias matrizes formais. A descoberta da Rota do Cabo por Vasco da Gama estabeleceu contacto com o Oriente e, contemporaneamente, com Veneza e com a Holanda. O mercado de Lisboa assume deste modo grande importância no comércio, trazendo temas religiosos ou ligados ao mar e outros que evidenciavam a forte influência oriental nos motivos decorativos.

Outro exemplo mais demarcado é o da região do Minho. No noroeste português, a Cerâmica assumiu e compartilhou matrizes como os corações, os triângulos, as meias luas ou as espirais, que eram igualmente trabalhadas por ofícios como a filigrana ou os bordados. As três actividades ainda hoje se encontram fortemente ligadas, constituindo os elementos de forte identidade da Região Minhota.

## A Cultura Cerâmica no Design da Joalheria Portuguesa

A Cerâmica e a Joalheria portuguesa vivem ainda hoje de realidades produtivas artesanais ou elaboradas em pequenas indústrias bem concentradas em *dístritos* caracterizados por tipologias, tradições e metodologias produtivas.

A capacidade da Cerâmica de abordar novos sectores, a característica da Joalheria de receber novos materiais ou tecnologias, o percurso histórico paralelo, as semelhanças das matrizes estéticas/decorativas e a proximidade geográfica dos centros de produção, são os princípios e a base deste análise.

*“Design significa, hoje em dia, dar início a novas sequências formais”* (MANZINI, 1986:29). Um dos principais papéis do design sempre foi o de receber estímulos, escolhendo uma estratégia que planeia a evolução do produto. Hoje é possível pensar em manerias que optimizam a própria performance ganhando uma maior flexibilidade e uma profunda optimização. A presença do designer torna-se fundamental neste tipo de pesquisa e intervenção, porque ele é o profissional capaz de ler e traduzir as potencialidades de cada material, juntando e renovando o processo de fabrico com o objectivo de aumentar a qualidade do produto final *“Uma maior disponibilidade prestável dos novos materiais e a própria identidade mutável ajudada pela troca experimental com outros materiais, a autonomia das superfícies e a chegada de tecnologias simbióticas, tornam a forma e os intercâmbios entre produto e usufruidor elementos determinantes numa nova dimensão de projecto.”* (BRANZI, 1996:147).

As possibilidades reais deste material deverão ser tomadas em consideração neste contexto evidenciando a grande capacidade tecnológica que a aplicação Cerâmica pode ter no design da Joalheria. A consciência das posições que este material tem no âmbito da Joalheria, a sua herança híbrida cultural e a capacidade de se transformar num produto capaz de se relacionar com o público, são outros elementos que destacam o papel da cultura da Cerâmica no design da Joalheria portuguesa.

Este ensaio espera, através de referências culturais e instrumentos tecnológicos adequados, contribuir para ajudar a Cerâmica a encontrar um novo campo de utilização, juntando as características e as propriedades da Cerâmica e as capacidades evidenciadas pelo sector da

Joalheria em receber outros materiais, renovando assim o próprio processo criativo. Este tipo de operação pode ao mesmo tempo estimular o tipo de pequena empresa, encontrando um mercado específico, geográfico ou logístico.

A possibilidade da aplicação Cerâmica no design da Joalheria portuguesa pretende *“não a qualidade de procurar uma contínua sofisticação de produtos, mas uma redefinição dos sistemas”* (MANZINI, 1990:33), alcançando um processo fisiológico de recursos produtivos simultaneamente auto-sustentável pelas próprias argumentações históricas e sociais.

A Cerâmica encontra a sua grande potencialidade no seu carácter regional, porque *“pode-se encontrar em diferentes partes do mundo, mas há diferentes regiões do mundo onde se usam técnicas locais para produzir diferentes tipos de olaria Cerâmica”* (LEFTERI, 2003). A sua versatilidade está na sua simplicidade e complexidade, sendo trabalhada numa pequena oficina artesanal ou num avançado laboratório da NASA. A cerâmica poderá também contribuir para o alcance de novos sectores de utilização aproveitando contextos tecnológicos já existentes no território.

Através do design é igualmente possível juntar duas culturas enriquecendo-as mutuamente, tanto na concepção, como no processo de fabrico e nas potencialidades mercantis. Tomando partido da história que as duas culturas têm, espera-se alcançar um conjunto de propriedades e qualidades que possam conduzir a uma nova e vantajosa tipologia para o mundo do produto industrial, uma fusão entre estas duas técnicas artísticas que acompanharam o homem no seu secular percurso ao longo da história da humanidade.

## Motivações de Interesse

A Cerâmica tem a capacidade de poder ser tratada de várias maneiras, oferecendo mais do que uma única imagem e evidenciando a propriedade de se adaptar a sectores diferentes, muitas vezes melhorando as suas prestações. Antiga e moderna ao mesmo tempo, por se inserir em novos usos, a Cerâmica demonstra ainda a peculiaridade de mudar as suas características e qualidades.

As tecnologias desde sempre encontraram neste material uma boa base para novas experiências, sejam elas científicas ou empíricas. Assim, a Cerâmica tem encontrado novas áreas de utilização e campos específicos como o eléctrico, o térmico, o mecânico ou o médico. Parece que a Cerâmica não só tem desempenhado um papel importante na evolução do design, mas também pode vir a ser considerada como um dos materiais de engenharia do futuro.

Enquanto aquela se desenvolve pela tecnologia, a Joalheria tem evidenciado sempre uma abertura e proximidade a novos materiais – por vezes menos nobres do que os mais tradicionais, mas valorizados pelo tipo de trabalho ou pelo desenho do objecto, como as peças de René Lalique ou as de Tiffany.

## Experiências Paralelas

Durante o século XVIII, e devido a uma grave crise económica que ocorreu em Portugal, foram realizadas jóias onde as pedras preciosas eram substituídas por outros materiais como os *“Strass”* (chamados assim pelo nome do inventor), obtidos pela combinação do vidro e óxido de chumbo, ou o vidro lapidado.

Mais recentemente a Joalheria aproveitou elementos como o cristal (a *Swarovski* produziu uma linha própria de preciosos), o vidro (a experiência de “*La Murrina*” junta a competência dos mestres do vidro de Murano com a tradição da joalheria de Burano produzindo pendants), o aço (a marca de relógios *Breil* apresentou no ano de 2000 uma coleção que aproveita este material), ou a própria *cerâmica* aplicada à relojoaria (como a marca *Rado*).

## Âmbito do Projecto

Em Portugal, a tradição da arte da Cerâmica e dos preciosos é tão importante que tem a capacidade de promover o país a nível internacional.

Durante séculos, Cerâmica e Joalheria criaram gramáticas e tipologias que muitas vezes se cruzaram, recebendo as mesmas influências artísticas e respirando a mesma atmosfera – importante, por exemplo, foi a época colonial que ofereceu a Portugal a oportunidade de conhecer e aplicar novas metodologias, elementos decorativos e tipologias. A importação de mercadoria das colónias para Portugal ofereceu igualmente a oportunidade de se abrir à permuta comercial e social com outros países Europeus como a Itália, a Holanda, a Espanha ou a França, trocando culturas, experiências e tecnologias.

## Interesses ligados ao Âmbito do Projecto

Pretende-se ainda evidenciar a existência de alguns mercados, para já limitados ao sector de objectos tradicionais de tipo turístico, como Viana do Castelo, Lisboa ou Porto, onde as duas tecnologias juntas conseguiram melhorar os dois sectores. Parece que se pode estimular estes mercados ou criar um novo mercado paralelo, que não seja tão especificamente ligado à tradição, mas onde esta seja a base de lançamento de novos produtos (como por exemplo, os vidros tradicionais de Murano e os produtos de design contemporâneo do mesmo material muitas vezes presentes na mesma loja).

## Conclusões Intermédias

A Joalheria, como a Cerâmica, esteve sempre relacionada com o homem – recordações, acontecimentos – por isso é possível considerá-la como expressão e reflexo dos gostos e da maneira de viver duma sociedade ou de toda uma época.

*“O oleiro, o ourives na filigrana, o feitor de jugos principalmente, para citar só os três, revelaram-se os mais seguros e fiéis adeptos da arte nacional. Eles nos conservaram o alfabeto de formas decorativas mais rico, mais variado, mais puro, mais genuíno que uma nação pode apresentar.”* (Vasconcelos, J. citado in Cardoso, P. 1988:15).

Actualmente, é possível pensar num novo papel para o material cerâmico através da sua habilidade em reinterpretar a cultura da Joalheria, apropriando-se da aplicação Cerâmica como

matéria-prima. A Cerâmica, intimamente relacionada com a produção da Joalheria típica portuguesa que fornece o material de base na construção dos moldes da filigrana, deverá agora desenvolver o papel de “nobre e precioso material” implementando com a sua aplicação novas e importantes qualidades, como a alta resistência mecânica, o bom acabamento superficial e que não provoca alergia.

Enquanto aquela se desenvolve pela tecnologia, a Joalheria tem evidenciado sempre uma abertura e proximidade a novos materiais – por vezes menos nobres do que os mais tradicionais, mas valorizados pelo tipo de trabalho ou pelo desenho do objecto.

Como observa Ettore Sottsass dizendo que “(...) na arte do joalheiro o design chega até ao ápice da pureza, porque o espírito criativo, pouco condicionado pelos aspectos funcionais do objecto, pode exercer livremente” (2002:12), a própria introdução da matéria Cerâmica poderá garantir a futura durabilidade do produto e uma melhor qualidade.

## Bibliografia

- Actos do colóquio. (1995). *Ourivesaria em Portugal*. Porto: Fund. Eng. António Almeida.
- AA.VV. (2002a). *A falar de Viana – Volume VIII, Romaria de Nossa Senhora d’Agonia*, Viana do Castelo: Ed. Vianafestas.
- AA.VV. (1995). *Cinco séculos de Joalheria. Museu Nacional de Arte Antiga*. Lisboa: Ed. Zwemmer.
- AA.VV. (2002b). *Il Design Cartier visto da Ettore Sottsass* (Catálogo da exposição no Palazzo Reale de Milão), Milano: Ed. Skira.
- AA.VV. I (1989) *Fenici*, Direção científica de MOSCATI Sabatino. Ed. Bompiani Roma.
- Bemporad, D. L. (2001). *L’Arte del Gioiello*, Firenze: Giunti.
- Bennet, D. & Mascaretti, D. (1989). *I gioielli*, Milano: Ed. Fabbri.
- Black, A. (1973). *Storia dei Gioielli*, Novara: Istituto Geografico De Agostini.
- Branzi, A. (1996). *Il Design Italiano dal 1964 al 1990*. Milano: Ed. Electa.
- Caruso, N. (1989). *Ceramica Viva*. Milano: HOEPLI.
- Cardoso, P. (1998). *Filigrana Portuguesa*, Lello Editores, Porto.
- Cardozo, M. (1959). *Joalheria Lusitana*. Coimbra: Ed. Universidade de Coimbra.
- Cerval, M. de (1998). *Dictionnaire International du Bijou*, Paris : Editions du Regard.
- Cooper, E. (sem data). *Historia de la ceramica*, Madrid: Ed. Ceac.
- Couto, J. & Gonçalves, A. (1960). *A ourivesaria em Portugal*, Lisboa: Ed. Livros Horizonte.
- D’Orey, L., Santos, R. & Galopim de Carvalho, R. (1995). *Cinco Séculos de Joalheria*, Londres/Lisboa: Zwemmer Publishers Limited/Instituto Português de Museus.
- Fagundes, A. (1997). *Manual prático de introdução à cerâmica*, Lisboa: Ed. Caminho.
- Fazenda, P. (1983). *A Ourivesaria Portuguesa contemporânea e os Metais e Pedras preciosas*, Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da moeda.
- Fernandez, J. (1975). *Historia de la Ceramica* Ed. Taller Concorhuasi, Buenos Aires.
- Gregoretti, G. (1978). *I Gioielli*, Milano: Ed. Oscar Mondadori.
- Guéron, R. (1975). *Simboli fondamentali della Scienza Sacra*, Milano: Adelphi.
- Lfteri, C. (2003). *Ceramics*, Hove (UK): Ed. Rotovision.
- Manners, E. (1997). *Ceramics Source Book*, London: Ed. Grange Book.
- Manzini, E. (1986). *La materia dell’ invenzione*, Ed. Arcadia – Domus Academy, Milão.
- Peixoto, R. (1967). *Etnografia portuguesa: obra etnográfica completa*. Org., pref., notas e bibliografia de Flávio Gonçalves, Lisboa: Dom Quixote, 1990. - Edição com base nas Obras de Rocha Peixoto, public. pela Câmara Munic. da Póvoa de Varzim 1967.

- Pravoslav, R. (1992). *Le tecniche della ceramica*. La Spezia: Ed. Fratelli Melita.
- Pugliese Carratelli, G. (1996). *Greci in Occidente*, Roma: Ed. Bompiani.
- Queiroz, J. (1987). *Cerâmica Portuguesa e outros estudos*. Lisboa: Ed. Presença.
- Resende, J. (1976). *A Cerâmica*. Porto: Ed. AEDAPD-ESBAP.
- Sandão, A. de (1998). *Faiança Portuguesa – séculos XVII, XIX*. Barcelos: Ed. Livraria Civilização.
- Silva, F. (1984). *Sociedade Feudal*, São Paulo: Ed. Brasiliense.
- Sottsass, E. (2002). *Scritti*, Ed. Neri Pozza, Vicenza.
- Tait, H. (1986) (1986). *Seven thousand Years of Jewellery*, London: British Museum Publications.
- Valente, V. (1948). *Porcelana artística Portuguesa*. Porto: Ed. Imprensa Moderna LDA.
- Valente, V. (s.d.). *Cerâmica artística Portuense dos séculos XVIII e XIX*. Ed. Porto: Livraria Machado.

